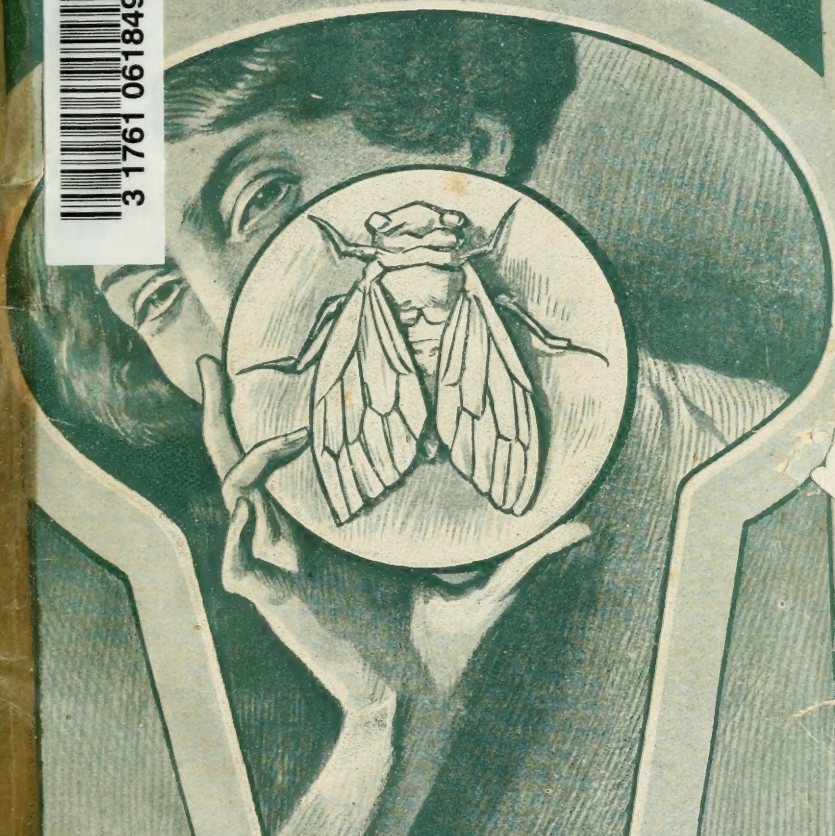
CANTO DA CIGARRA



...RAS ÁS MULHERES

AUGUSTO GIL

3 1761 06184951 9

PQ
9261
G5C36
1920
c.1
ROBARTS

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

from

the estate of

GIORGIO BANDINI

O Canto da Cigarra

(Sátiras ás mulheres)

Do autor:

Poesia:

O Craveiro da Janela. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Luar de Janeiro, 4.ª edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Alba Plena (*Vida de Nossa Senhora*), 3.ª edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Versos, 3.ª edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Sombra de Fumo. Coimbra. Livraria Moura Marques.

Prosa:

Gente de Palmo e Meio. Lisboa. Livraria Guimarães.

AUGUSTO GIL

Canto da Cigarra

(Sátiras ás mulheres)

3.ª EDIÇÃO

1920
GUIMARÃES & C.ª — Editôres
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres
59 — Rua do Diário de Notícias — 61

A BULHÃO PATO

Poeta eminente e prosador insigne

«Faça-se justiça ao homem. Não foi êle o depressor da mulher. Foi ela...

«Fez-se carnal em todas as suas potências. Calculou com as lágrimas e com os risos: vendeu-se nos seus afectos e protraíu o grandioso da sua realeza, decretando que o turíbulo de seus perfumes contivesse mirra, incenso e *ouro* tambem. Constituída mercancia, esta engenhosa feitura de Deus tornou-se objecto de permutação, uma compra de contento, uma coisa de fastio, como o casaco usado, as pantalonas velhas e o chapéu do ano passado.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

«Deve temer-se mais o amor duma mulher do que o ódio dum homem.»

SÓCRATES.

«Não vale a pena escolher entre as mulheres. Por que valem todas o mesmo? Não; por que nenhuma vale nada.»

PLAUTO.

Êste livro era maior; mas a papelada em que se continha, ficou-me, esquecida, na gaveta dum feio quarto de hotel. Mêses passados, quando fui por ela, disseram-me que um vago «brasileiro» de torna viagem, meu sucessor no aposento, a levára para terras de Santa Cruz.

A ser exacto o gorgeteado e solícito informe que a creadita da poisada me prestou, o bom do homem — se não encheu a mala com mais valiosa bagagem — pouco apertado se há de ter visto com as exigências alfandegárias...

Impus então á minha irrequieta memória o justo castigo de reconstituir o manuscrito; depois de mais espremida do que as uvas num balseiro, deitou isso

que aí vai e que será, se o fôr, uma escassa metade do primitivo texto.

Escrevi o *Canto da Cigarra* após uma época de suculentas leituras, com as quais intentei dar ao barco sem rumo da minha impressionavel sentimentalidade as sete amarras da Sabedoria e o pesado lastro duma catedrática erudição. Foi um acésso de bolimía scientífica em que devorei a êsmo, numa préssa voraz e sem a imprescindivel mastigação crítica, quanto de maior êxito se dava á estampa. Desfilaram sob os meus olhos todos os maxacazes do fecundo neo-renascimento italiano. Passaram-me tambem á vista, mediante o binóculo das traduções francesas, os luminares da sábia e fardada Alemanha. Ingeri, parágrafo a parágrafo, o que as livrarias inglesas publicaram do miudo e pertinaz Spencer; não satisfeito ainda, atirei-me ao conhecimento doutros evolucionistas notórios que seguiram as piugadas do atento filósofo de Farsfield Pewsey. Para sobremesa, refestelei-me com o que, de ensinativo, recem-gerára o espírito gaulês: Monsieur Gustave Le Bon, os pontífices da Escola dos Altos Estudos Sociais, e restantes nomes apontados a tipo grosso nos catálogos

da Felix Alcan, regalaram-me com a sua prosa clara, onde os mais rígidos raciocínios são moldados numa linguagem em que há sempre o atraente aroma do pó d'arroz... Um fartote!

Ora nessa catadupa de doutrinarismo, já de si atordoante, porque nela se imiscuíam os mais antagónicos princípios: (*A Conquista do Pão*, de Kropotkine, em seguida ás *Cartas* do Padre Didon; *Os Aforismos* respigados em Nietzche, por Lichtemberg, a par da *Oração á Luz* do Mestre Junqueiro; *A Nova Teoria da Vida*, de Le Dantec, por cima da *Existencia de Deus*, do eruditissimo José Sampaio; *As Ideias de Platão*, por Dantu, em convizinhança com as ideias expendidas, num numero do Diário das Câmaras, pelo Conselheiro Rodrigo Pequito, a propósito... duma estrada para Pampilhosa do Botão), — veio parar-me ás mãos *La Donna Delinquente*, de Lombroso. Como portuguezinho de têmpera, que o mesmo é dizer femeeiro, mal vi que se tratava de mulheres, — criminosas embora — pus-me a ler attentamente o alentadissimo tomo. A denominação inicial era acompanhada por est'outra que de maior chamariz me serviu: *La donna normale*.

Esse libelo cerrado, em que o prestígio das filhas de Eva é reduzido a cácos, foi o Alcacer Kibir dos meus idealismos de poeta lírico, do meu beatífico enlêvo ante a «obra prima de Deus»...

A' inapagavel impressão, que tal obra me deixou, vieram juntar-se, como pintainhos acorrendo ao milho, todas as semi-apagadas invectivas que, contra a mulher, tinha lido, desde certos versículos de Bíblia até ao *Pái* de Strindberg.

Numa súbita reviravolta de Saulo, molhei em negra tinta uma pena de guerreiro formato lança e, firmemente resolvido a arvorar-me em Trepoff do feminismo — escrevi as sátiras que adiante imprimo, mas desbastadas, agora, das suas mais cortantes arestas. Estas, e as que se extravíaram, como mexeriqueiramente lhes contei.

Com o andar do tempo, curei-me da infecção de jacobinismo demolidor que o antropólogo italiano me pegára; e por virtude do «rítmico recúo» que Spencer assignála «como necessária superveniência de exageros radicais que necessários são tambem» vim ao convencimento de que a magna-caterva de defeitos que se infiltraram no coração da mulher

atual e que se afiguram como constitucionais (alguns, como a mentira, classifica-os Lombroso de fisiológicos) são a final e exclusivamente : resultantes mecanico-anímicas da subalternidade em que sempre tem vivido e da generalisada corrução contemporânea. Que culpa teve a adúltera da *Sonata a Kreutzer* de que a escolha duma noiva e a aceitação dum marido se guiem pelas normas que o evangelista russo nos pinta? Um provérbio da Itália diz que a mulher usa do engano como o boi usa dos chifres. Naturalmente ! A dissimulação é a arma da sua defeza e a sensualidade é a do seu ataque nas renhidas e triunfais batalhas dadas ao macho dominador.

Por isto e por muito mais, que prolixo se torna dar ao rol desde que, como supremo argumento, se aponte o nivel de degradante e mal disfarçada escravidão em que ainda a colocam as mais avançadas leis — voltei a ser, se não o antigo adorador do eterno feminino, pelo menos um amigo das mulheres. . . Repêso e contricto, aqui brado *urbi et orbe*, pela boca de Salomão, que «o riso é o erro» e que «vãmente o mofador busca a sabedoria».

Mas olhem que não poucas destas sátiras teem algum tanto de parecido com o que Eduardo de Artayett vincou numa imagem de génio:

«*Rindo, como uma lágrima que endoidecesse*»

Peço-lhes, pois, perdão, minhas senhoras.

Em todo o caso — o dito, dito. *Quod scripsit*...

Para vingança de penitenciada culpa, não se lembrem de espalhar que os versos do meu pobre livro significam apenas um desabafo de infecunda e banal ciumeira. Ah, não, madamas! Trata-se duma dôr de cotovelo tão abstracta como as abstracções do grande Kant.

Novembro de 1909.

Intróito

I

Delambidos menestreis,
Poetas sentimentais,
Rimei sobre estes papeis
Não aquilo que escreveis,
— Mas aquilo que pensais...

II

Damas de rosto inocente,
E de alma podre, gafada,
Muita de vós, certamente,
Há de achar «isto» indecente...
— Por vir cá fotografada.

III

Oh burguesões triunfantes,
E' inutil esconder
Estes versos hilariantes
Ás esposas. *Os amantes*
Não deixarão de lhos lêr...

IV

Críticos de furtacôres,
Que de talento dais carta
A vis escrevinhadores,
Ide ao raio que vos parta...
Não preciso de favores.

A Virtude

A JOSÉ D'ARRUELLA

Ma la donna resta sempre fondamentalmente immorale.

LOMBROSO.

Il y a toujours un fameux singe dans la plus angélique des femmes.

BALZAC.

I

Tirante um ou outro, probo,
E uma ou outra, virtuosa,
O homem de hoje é um lobo
E a mulher uma raposa. . .

II

Da mulher mansa e calada,
Não deixes de ter suspeitas.
A água, quando parada,
E' que provoca as maleitas. . .

III

Baixinho. Ninguem nos oiça,
P'ra que não dês o cavaco :
(Se a virtude fôsse loiça,
Já não tinhas — nem um caco).

IV

Se quem de ti disser mal
Um pinheiro fôr dispondo,
— Arranja-se um pinheiral
Com cem léguas em redondo...

V

Na mulher, o persistir
Em jurar fidelidade,
E' um modo de mentir...
— Com maior solenidade !

VI

Passaste ; e alguem num centro
De má língua, disse : Aquela ?
Quanta vez fechei por dentro
A porta do quarto dela !. . .

VII

— Que téla de Virgem dava !
Exclamei, em teu louvor ;
Comentário dum pintor :
— De virgem ! ? Não a assinava. . .

VIII

Passou um dandy, um snob.
Nas janellas pequeninas
Dos teus olhos, as meninas
Acenaram-lhe : pst ! sóbe !

IX

Sete pecados mortais
Me ensinaram na doutrina.
Conheço agora dois mais :
São os teus olhos, menina. . .

X

«A mulher ganha em assento
Aos homens», Júlia dizia.
Retorquí-lhe em ar mofento :
— Estudou anatomia ? ! . . .

XI

Maria da Graça é uma
Cachopa de olhos em brasa.
Vive sózinha, não fuma,
E tem cinzeiros em casa !

XII

O teu encanto divino
E a tua maldade acerba
Lembram-me um dito latino,
O «*latet anguis in herba*»...

XIII

Aproveitam meus desejos
A tua boca dest'arte:
Recolho todos os beijos,
Ponho as palavras de parte...

XIV

Porque demónio o abade,
Que é teu confessor tambem,
Em vendo o teu primo há de
Piscar de ôlho e dizer-lhe: Hein?...

XV

— Mal o conheço, disséste.
Sempre isso mesmo supus.
A entrevista que me déste
Foi alta noite — e sem luz...

XVI

Menina de corpo albente
Obra prima da matéria,
Nunca te sorris, — e mente
Quem te chamar mulher séria...

XVII

Eu conheço a falsidade
Dêsse teu romanticismo.
Limpa os olhos. A humidade...
Agráva-me o reumatismo.

XVIII

Por Deus te peço que deixes
De chorar. Basta de mágoa!
Os teus olhos são dois peixes
Só estão bem dentro de água...

XIX

Ninguem melhor fama goza;
Mas eu não a julgo assim.
Uma mulher virtuosa
Pode lá gostar de mim!...

XX

— Onde vais tão sacudida,
Oh da peliça de lontra?
— Como sou mulher perdida,
Vou a vêr se alguem me encontra...

O Amor

A HENRIQUE ROSA

Que é do amor, do amor humano
e grande? Onde está êle?...

STRINDBERG.

I

O amor, em quem aparece,
Dizem que faz maravilhas;
Eu, nunca vi que fizesse
Mais do que filhos e filhas...

II

Durará a minha vida
(Disseste-me) êste amor louco.
Quase a seguir, distraída:
-- Pressinto que duro pouco...

III

Em amor, acostumei-me
A este lema : depressa !
Prefiro sol que me queime
A'quele que só me aqueça. . .

IV

Êste meu absurdo apêgo
A' tua falsa ternura
Tornou-me a sorte mais dura
— Que a da cabeça dum prego. . .

V

Quantas amei vos indico,
P'ra verdes como fui tonto.
Amei vinte e nove. Fico.
Não quero estragar o ponto.

VI

O beijo medroso, esquivo,
Que alguem no teu rosto pôs,
Ficou enterrado vivo
Em carmim e pó d'arroz.

VII

Nos teus lábios carminados
Os meus poisei com amor.
Os meus ficaram pintados.
— E os teus ficaram sem cor.

VIII

Estranhas que um simples dito
Nos cortasse as relações.
Da picada dum mosquito
Veem anos de sezões. . .

IX

Oscila o teu coração,
Como um pêndulo certeiro,
Entre as modas da estação
E as «vitrines» do joalheiro...

X

Acho ao doce comparavel
O amor de qualquer pessoa.
Poucochinho é agradavel,
Em sendo de mais, enjoa...

XI

Tive-a durante uma hora.
Levei anos para a ter.
O resto da vida, agora,
E' para me arrepender!

XII

O sentimento do amor
A' pedra no ar se parece.
Quanto mais acima fôr,
Com tanta mais fôrça desce..

XIII

Cupído, uma ocasião
Em que estive junto dela,
Pegou-me no coração
E pôs-se a jogar a péla.

XIV

Trago os lábios inflamados
Túmida a boca, tambem.
Oh dona dos meus cuidados,
Tu déste figos a alguem?...

XV

Num bazar de caridade
Cravaste os olhos nos meus.
Gostas de mim na verdade
Ou foi . . . por amor de Deus ?

XVI

Ralhas por que te procuro
Nuns dias, e noutros não.
E' que eu alterno Epicuro
Com leituras de Platão.

XVII

Ha sempre coisas mesquinhas
No proceder de quem ama.
O ninho das andorinhas
E' construído com lama . . .

XVIII

— Porque amas tu essa mulher ? !
— Porque é que a amo ? Sei lá ! . . .
Quem não encontra o que quer
. . . Contenta-se com o que ha.

O casamento e a familia

A JOSÉ JOAQUIM LUIS FERNANDES

. . . . . .

Quem tiver olhos para vêr o ornato
Que essa manada marital enfeita...

JOÃO DE DEUS.

(*Campo de Flores*. Poemetos)

I

Quando tu foste gerada
Pôs-se o sol, nasceu a lua.
Estava tua mãe deitada,
Andava teu pai na rua.

II

Venho dum baile. Horas mortas.
Que impressões trouxe gravadas!
Os pais a verem ás portas
Se as filhas são procuradas...

III

Nos registos paroquiais
Ha muitas páginas cheias
Com pais apenas legais
De creancinhas alheias...

IV

Quando falaste em casar
Certa noite ardente, escura,
Deitaste sem o pensar
Água fria na fervura.

V

Tantos namoros e ao cabo
Não houve um só que adregasse.
Casa-te com o diabo...
Para se vêr o que nasce.

VI

Nestes tempos dissolutos
Toda a mulher é vendida.
Umas vendem-se aos minutos,
— As outras por toda a vida.

VII

Lua de mel, luz serena
Caíndo dum céu etéreo...
A primeira, a linda scena
Da tragédia do adultério.

VIII

Li agora o nascimento
Dum filho teu, no jornal
Que ha cinco mêses e tal
Narrava o teu casamento!

IX

Disse-me um marido velho
De barbas brancas á Hugo:
«Este mundo é um chavelho
E nós somos o sabugo...»

X

Esmagas sob o espartilho
Um seio alto e perfeito...
E a boquita do teu filho
A mamar num outro peito!

XI

Tomámos um compromisso.
Jurámos casar os dois.
Muito bem. Vamos a isso.
Primeiro tu. Eu depois...

Trovas de Pero Botelho

AO AMERICO NEGRELLOS

Viu-te o Diabo á lua cheia
E esbraseou-se-lhe o peito.
Partiu o chifre direito
E com êle sobre a areia.

Em letra gorda, excelente,
E estro audaz, imprevisto,
Desatou a escrever isto
Desbragadissimamente:

I

Vinde a ela, oh apiréticos,
Vinde a ela, oh almas áridas!
Por que os seus olhos magnéticos
São um casal de cantáridas.

II

Com suas miradas ternas
Os estragos que ela faz...
E sou eu quem tenta as almas,
Eu é que sou Satanaz!

III

Com teus olhos libertinos
As mudanças que tu fazes!
Tornas os velhos, meninos,
E envelheces os rapazes...

IV

Numa noite anciada e louca,
A um signal qne tens, ouvi
Segredar a certa bocca:
— Demóra-te mais aqui...

V

Do teu amor, diz a fama
Que sempre a lembrança fica
(Com alguns mêses de cama
E despezas de botica. . .)

VI

Ofélia d'olhar cinzento
E d'alma a escorrer saudades,
Olha, vai para um convento. . .
Para um convento de frades.

VII

E's linda e isso lhe basta.
Antes te quer assim, louca.
Não que êle, se fôsses casta
— Fazia cruzes na boca.

VIII

O teu colo, mal que o vi,
Deixou-me os olhos em chama.
Não haverá por aí
Nada de algodão em rama ?. . .

IX

Juntinhos, peito com peito,
Déstes um tal tropeção
Que, se não fosse o teu leito,
Caíeis ambos no chão. . .

X

Quando a aquele ulmeiro vamos
Nem vês folhas, nem vês céu.
O céu escondem-no os ramos,
Os ramos escondo-os eu.

XI

Na noite em que te casaste
Não dormi com a aflição.
Tu tambem não descansaste
— Mas foi por outra razão.

XII

Não ha taça que te ganhe
Á boca rubra e louçã
Para se beber champanhe
A's tres horas da manhã.

Dísticos

I

A lanterna de Diógenes

A AVELINO D'ALMEIDA

Busquei e rebusquei entre o comum
(Comum é a soberba e a vaidade)
E entre cada mil homens, achei um !

Passei á outra metade
Da néscia e vil humanidade.
Estudei toda a mulher :
As viuvas, as casadas, as donzelas :
Pois de tantissimas delas
— Não achei uma sequer . . .

«Que enorme sandeu !»
A' certa dirão.

. . . Mas quem escreveu isto não fui eu ! . . .
— Está na Biblia e é de Salomão.

«Eis aqui o que achei, disse o Ecclesiastes, depois de ter conferido uma coisa com outra, para achar uma razão, que a minha alma busca e não pode achar. *Entre mil homens achei eu um, e de todas as mulheres nem uma achei*»

(Biblia, *Ecclesiastes*. Capitulo VII, v 28 e 29)

II

A beleza dos senões

A FRANCISCO VILLAESPESA

Certos defeitos, na mulher são laços.
Ligam, apertam, prendem mais ainda.
Quando a Venus do Milo tinha braços
— Talvez não fôsse tão linda...

III

O dilema

A ANIBAL SOARES

Se o pranto agita o teu divino seio.
Sinto um misto de pena e de receio.

E' que não choras sem que um derrancado
Iago, cá por dentro, me sugira

— Que estás lavando um pecado,
— Ou regando uma mentira. . .

IV

Mater pulchra filia pulchrior

A AFONSO GAIO

Entraram na conversa a filha e a mamã.
A mãe era bonita. A filha era-o tambem.

— Esta senhora é sua irmã?
Disse eu interrogando a mãe.

E a mãe teve um sorriso de contente
E a filha um sorrizinho de quesília...

— Que coisa comovente
E' o amor de familia!...

V

Lacrymae rerum

A JOÃO FRANCO MONTEIRO

Numa carta em estilo sorridente
(Mas sôbre as linhas da qual
Os meus olhos choraram longamente)
Pus este aviso final :

Por notares que manchei
Isso que em cima ficou,
— Não vás supor que chorei . . .

Foi água que se entornou.

VI

Joven Lília abandonada

A LUÍS BARRETO

Sempre que a vejo a contemplar os céus
Com ar de lírica neurastenia,
Dá-me a impressão de estar pedindo a Deus :
— Ao menos, um alferes d'infantaria !. . .

VII

O eterno amor

A JOÃO DE DEUS RAMOS

Pus-me a reler as tuas cartas hoje.
Ha bons tres anos que mas escreveste...
— Vê como o amor, vê como o tempo foge!

Entre uma delas, na maior, meteste
(Naquele día para o que te deu!)
Umas folhas rendadas de cipreste...

São trinta cartas d'apertadas linhas
Todas d'abril — do mês em que no céu
Já vôam as sagradas andorinhas —

«Juro-te amor eterno» uma dizia.
Pois afinal durou um mês por junto
O amor eterno. Quem o suporia !

Rezemos pelo defunto.
Padre Nosso, Avè Maria. . .

VIII

Caçadores da rua do Oiro

A FRANCISCO TEIXEIRA

— Mas se ela te não quer, se a não apanhas
Por que a persegues com os teus deriços?

— Por que é dentro dos ouriços
Que se encontram as castanhas...

IX

A sugestão dos nomes

A FRANCISCO CARRELHAS

«*Torre de Dona Chama*, 18 ás 3 a 20 da t. *Liberal*, Lisboa. A povoação em peso insurgiu-se contra o procedimento do bispo de Bragança e resolveu efectuar civilmente os baptisados e enterros.» — Correspondente.

«*Pampilhosa do Botão*, 17. *Seculo*, Lisboa. Torna-se cada vez mais sensivel a falta de pastos. Os lavradores estão preocupadissimos e em vesperas duma crise de fome. C.»

«As coisas são o que são»
Clássica e pleonástica tolice!
Tola e sentenciosa opinião!

As coisas são o que o seu nome indica
São o que a eufonia lhes predisse
E nelas sempre dominando fica...

Ha nomes d'onde o encanto se derrama,
Outros, que só ridículo nos dão.
Queiram ouvir: *Torre de Dona Chama!*
Contraste: *Pampilhosa do Botão*...

*
* *

Mal calculava talvez
Quem te serviu de madrinha
A boa escolha que fez!

(E' Túlia, mas chamam-lhe Tolinha...)

X

Frase feita

AO POETA JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

«E' o meu coração um livro aberto»

Que pena ! Um livro aberto ! Mas assim
Sempre isso que diziam era certo,
— Leu-o alguem antes de mim . . .

XI

Aguas passadas que moem moinhos

A JOSÉ QUEIROZ

«Deitei um véu por sobre o meu passado»

Enterra-o antes, moreninha linda.
Um véu (e não é véu se fôr fechado)
— Alguma coisa deixa ver aínda...

XII

Idílio cómico

A GUILHERME BRAGA, sobrinho

Aquilo que me lembra com mais gôsto
Desse cómico amor intermitente
E' uma noite cálida d'agosto
Em que ambos nos beijámos longamente,
Até luzir no céu a madrugada...

Eu de cá
E tu de lá
— Duma porta envidraçada

(Convém explicar talvez
Que sucedêra um entrave :
A porta estava fechada
E não tínhamos a chave).

XIII

A contrario sensu

A MARTINS FIGUEIRA

Sempre que tu nervosamente estejas
Toda expansiva, toda tagarela,
Tens qualquer coisa, á certa, mas desejas
Que eu não a saiba, que não dê por ela...

Quando porêm inculcas seriedade,
Quando a língua incansavel te repoisa,
— Então estás com vontade
De contar-me alguma coisa...

XIV

A tout seigneur...

A ADELINO MENDES

No teu pescoço esbelto de morena
Usas, ás vezes, um decote em *vê*,

Essa letra, porêm, é tão pequena
Que mal se lê,
Que mostra apenas, d'entre o que escondeu,
Uma nesga inestética e minúscula.

Ora um colo como o teu...
— Merece letra maiúscula.

XV

Castelos no ar

A SIMÃO JOSÉ

Naquele julho — abrasante
Como um inferno dantesco —
Íamos para o mirante
Ás tardes, tomar o fresco.

Tu ficavas assentada...
Eu, ao pé, olhando o espaço,
Com a cabeça deitada
No teu divino regaço

E conservava-me assim
Horas e horas, a sonhar
Altas torres de marfim,
Palácios, castelos no ar...

E a tais alturas me voava,
Meu amor, a fantasia
Que lá das nuvens, olhava...

Olhava, e já te não via!

XVI

O espelho que te ofereço

A CARLOS DE LEMOS

Vou rogar esta praga a uma mulher
Que encheu a minha vida d'amargura :

(Eu não a odeio sequer,
Tudo isto é literatura)

Tão corcunda, mulher, te veja eu,
Tão curva ao pêso das mágoas.
Que só possas ver o céu . . .
— No espelho inquieto das águas !

XVII

Taboada de somar

A JOÃO ANTONIO DOS SANTOS SILVA

Permitiu que lhe desse tantos beijos
Quantos eram os anos que ela tinha.

Cheguei ao fim da conta... com desejos
De que fôsse uma velhinha.

XVIII

O idealismo contemporaneo

Cortês, gentil, reverente,
Um poeta beijou-te a mão.

Ficaste a ímpár de contente
Por que a coisa pareceu
Um sinal de distinção.

Eis aqui a explicação
Que o versejador me deu :

«Se a mão dela aos lábios chego,
Chego aos olhos os aneis.
Ai filho! Postos no prego,
Davam um conto de réis!»

XIX

O 15.º

Para te ouvir falar no precedente
Ao teu décimo quinto bem amado,
    Dava um dente
    De bom grado.

(Doía-me. Arrancaram-mo ha bocado...)

XX

A «toilette» do sentimento

— Que palreira! Que jovial!...
— «Estranha vêr-me animada
Em dia de carnaval?!...»

— Acho-a triste. Acho-a mudada!
— «E' tempo santo o d'agora...»

(Quando o seu calendário não diz nada
Que aspecto mostrará esta senhora?...)

XXI

Est modus in rebus

Dizes que sou um doido, um impulsivo;
Sê-lo-hei ás vezes, mas em outras não.
Amei-te, é certo, sem nenhum motivo;
Mas quando te deixei -- tive razão..

XXII

Drama em dois actos

(DE WILLIAM FRIEND)

Amou-a com religioso amor
Que é raro d'encontrar-se nesta data.
E ela dizia a rir : que maçador !
E êle dizia a soluçar : que ingrata !

Teve o episódio um segundo acto.
O amargurante fel mudou de taça.
E ela, por entre lágrimas : que ingrato !
E êle, por entre dentes : que carraça !

XXIII

Entre Scylla e Charybdes

A ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Só raros haverá que se não doam;
Os restantes, porêm, todos se queixam.
As bonitas atraiçoam
E as feias não nos deixam...

Neste dilema terrivel
Fica um homem sem saber
Qual dos termos é preferivel,
Por que lado há de escolher...

Eu direi alto e bom som,
Como descrente do amor :
O primeiro não é bom,
— Mas o segundo é pior...

Graça imortal

A JAIME BATALHA REIS

Sorgete, ombre santa e benedette d'ell'antica Grecia.

MANTEGAZZA, *Gli amori degli uomini.*

Epigrama á vaidade da beleza

(DE PLATÃO)

«Eu, esta orgulhosa Lais para quem a Grécia era um brinquedo e que tinha á porta um enxame de jovens amantes,consagro a Venus este espelho. Não quero vêr-me tal qual sou, e não posso vêr-me tal qual era.»

Eu, esta Lais d'orgulho insubmisso,
A cuja porta vinham os amantes
Como abelhas doiradas ao cortiço. . .

Eu, esta Lais que tinha d'antes
O rosto lindo e ledo;
Eu, para quem a altiva Grécia era
Um leve, futil e infantil brinquedo;

A ti, beleza que se não altera,
A ti, oh deusa, o meu espelho dou.

— Não posso vêr-me como d'antes era!...
— Não quero vêr-me como agóra sou!...

Epigrama cómico a Venus

(DE ANTIPATER)

«Houve a idade de ouro, a de prata e a de ferro; a Venus de hoje pertence a todas essas tres idades; ela honra quem lhe traz o ouro; não repele o que lhe oferece a prata e até mesmo acolhe o que só tem moeda de ferro.»

Tres idades passaram neste encêrro
Da vida:
A d'oiro, a de prata e a de ferro.

Venus, a bela deusa das beldades
Que das alvas espumas foi nascida,
Pertence a todas essas tres idades:

Alegre acolhe quem no seu tesoiro
Despeje as mãos a transbordarem d'oiro...

Mas nem por isso expulsa ou desacata
Os que — por mingua d'oiro — lhe dão prata...

E aos que só moeda de vil ferro dão...
Nem mesmo a êsses ela diz que não!

Epigrama cómico á perfídia

(IMITAÇÃO DE DEMODOCO)

No epigrama de Demodoco a víbora morde um capadócio. Tomei a liberdade de alterar a narrativa do Poeta por me parecer que o arrevezado patronímico destoa fortemente em versos modernos, mesmo quando eles, como nêste caso, intentam reflectir a beleza antiga.

A TEIXEIRA DE CARVALHO

Um dia uma víbora mordeu num pé
A pérfida Cloé.

Perguntarão: Que succedeu
A' pérfida Cloé? Morreu?

Isso morreu ela...
Mal sentiu a mordidela.
Não teve febre, nem ardor, nem nada.

— A bicha é que morreu envenenada!

Epigrama cómico ao amor

(DE JULIANO DO EGYTO)

«No outro dia, entrançando uma corôa, achei entre as rosas um Amor.

Tomando-o pelas asas, mergulhei-o em vinho; feito isto, engulio-o, e êle agora no meu seio faz-me sofrer, batendo as asas.»

A HENRIQUE DE VASCONCELOS

Um dia,
Em que tecia,
Com os olhos contentes
E mãos diligentes
Capelas de rosas,
Entre uma das rosas, achei um Amor.

Peguei-lhe nas asas com todo o geitinho,
Tirei-o da flôr,
Deitei-o depois numa taça de vinho,
E ao beber sequioso
O vinho capitoso
— Enguli tambem o pequenino Amor.

Quiz que fôsse a minha taça o seu esquife
E o meu peito a sua negra sepultura...
Porêm o maroto, porêm o patife,
Ainda vive! Ainda mexe! Ainda dura!

Furou-me o estomago, mudou de prisão
E faz-me cuidado,
E dá-me aflição
Senti-lo cá dentro, raivoso e irado,
— A bater as asas no meu coração!...

A sabedoria das nações

RESPOSTA A UMA DAMA
QUE TEM A MANIA DOS
ADÁGIOS.

I

Dá Deus nozes a quem não tem dentes

«Ah! se eu estivesse nas condições da J. Mas, que queres? dá Deus nozes a quem não tem dentes.»

Ha aqui troca de vozes
E raciocínios trocados;

Melhor seria dizer:
«Não são as nozes
Para os desdentados.»

As nozes ficam por comer...
Comem-se quantas nas nogueiras ha.

E d'aí provêm
Que Deus as dá
— A quem os tem...

II

Antes só que mal acompanhado

«Estranhas vêr-me só pela Baixa! Pois antes só que mal acompanhada...»

A HORÁCIO SILVA

Por mau homem não me tenho.
Grandes males nunca os fiz.
Todavia não convenho
No que este ditádo diz.

Ha companheiro algum
Pior e mais inimigo
Do que o é cada um
Quando conversa comsigo?...

III

Fia-te na Virgem e não corras

«Lá quanto a isso, são desnecessárias recomendações. Tenho sempre presente o adágio: Fia-te na Virgem e não corras...»

Mas quem rápido vae,
Mais depressa cái...

Quanto a mim,
Desejava vê-lo assim modificar
A êste anexim:

Fia-te na Virgem — e anda de vagar...

IV

Casamento e mortalha no céu se talha

«Será o que Deus quiser. Casamento e mortalha, bem sabes, no céu se talha.»

A ROCHA MARTINS

Hoje tombou
A' minha vista
Um homem todo em sangue, na calçada.

Então foi Deus quem guiou
A doida mão do fadista
Que deu aquela facada ?!

* * *

Com uma dama que teve
Filhos de variados páis,
Tenciona casar-se breve
Um mercante de grossos cabedais.

Pergunto agora:
Sería Deus? Ora!...

Nunca em tal poderei crêr;
Acredita-o tu, se podes.

— Nem Deus tem mais que fazer
Do que andar-se a intrometer
No cío que ataca os bodes...

V

Lenha verde mal se acende

«Não tenhas ciumes. O J. aínda anda no colégio e... lenha verde mal se acende.»

A BAPTISTA COELHO

Lenha verde mal se acende,
E' ditado sôbre o fogo.

A sêca, então nada rende,
Se arde bem — queima-se logo...

VI

De vagar que tenho pressa

«Não sejas impaciente. Lá para o verão, quando o papá sair mais de casa... As coisas querem-se pensadas. De vagar que tenho pressa.»

A ARNALDO MONTEIRO

Veio um lesmo d'Amarante
Para casar em Lisboa.
Com uma lesma galante
Muito rica e muito boa.

E veio do seu vagar,
Com toda a comodidade,

A fazer e a recitar
Baladas, odes, sonetos...

Quando chegou á cidade,
A noiva... já tinha netos!

VII

Antes que cases olha o que fazes

«E' certo que o M. me pretende; mas antes que cases olha o que fazes.»

«Antes que cases
Olha o que fazes.»

O águia que engendrou esta sentença
Foi pássaro de curta e fragil asa.

Quem casa... não pensa!
Quem pensa... não casa!

VIII

Quem porfía mata caça

«A mamã está renitente; mas eu tanto lhe peðirei que ella há ðe fazer-me a vontaðe. Quem porfía mata caça.»

Matou um caçador uma gazela
Mas depois de muitos dias
D'esperas e de porfias,
De quartos de sentinela.

Mandou fazer do lombo um tenro e belo assado
Mas vem um gato, rouba-lh'o da mesa, e tóca
A fugir como um danado.

«Do prato á boca
Se perde o bocado.»

Se não logrou o melhor dela,
Mer'ceu a pena a estopada
De perder tanta passada
Com a arisca da gazela?...

IX

Gostos não se discutem

«Pois eu acho-a simpática e fico na minha opinião apesar do que dizes. Gostos não se discutem.»

Não serei eu quem refute
O senso prudente e raro
Dêste ditado. Está bem.

O gôsto não se discute.
Não se discute, claro,
— Mas é com quem o não tem...

X

A palavra é de prata, mas o silêncio é d'oiro

«Por ðigniðaðe, ðeixo sem resposta as tuas censuras. A palavra é ðe prata, mas o silêncio é ð'oiro...»

A sapiência barata
Lá reza no seu tesoiro
Que a palavra é fina prata
Mas que o silêncio — é oiro.

Assim será. Todavia,
Ao oiro d'alta valia
Eu deixo-o pela primeira.

E' sempre de mais efeito
A pràtazinha caseira
Duma resposta — a preceito...

XI

Cavalo dado, não se lhe olha ao dente

A MANUEL GUSTAVO

«Realmente, o vestido não é bonito. Deu-mo a prima L. e a cavalo dado não se lhe olha o dente.»

Quando o cavalo
De presente nos fôr dado,
E' que é olhá-lo
Por detrás e por de lado
E pela frente...

E se fôr escanzelado,
Ou tiver mau dente,
Ou fôr besta velha,

Diz-se ao dono do presente
— Que não desmanche a parelha . . .

A esmo

I

«E' coxo!»... disseste a rir.
E sou. Arrasto um dos pés;
Quero e não posso fugir
De croias do teu jaez...

II

Dona do meu coração:
Se a cabeça de repente
Te cortassem, toda a gente
Exclamava: olha o balão!...

III

Abre-te o riso traiçoeiro
No rosto, covas sensuais,
Se para ti é coveiro
— Que não será para os mais ?. . .

IV

Embora tomes a mal
A pergunta, não me tenho :
Que despeza faz em cal
Um carão dêsse tamanho ?. . .

V

Se a mulher que se pranteia
Tiver um espelho em frente
E vir que a chorar é feia,
— Cala-se imediatamente.

VI

Julguei-te nova e és velha.
Numa rosa de papel
Tambem já vi uma abelha
Poisar, á busca do mel...

VII

Se querem que eu ressuscite
Que torne a ter vida nova,
Peçam-lhe a ela que grite:
— Façam-me ao pé outra cova!...

VIII

Os teus miolos — certifico,
Vou jurá-lo ante a justiça —
Não encheriam o bico,
O bico duma carriça...

IX

Ha pouco vi-te um vestido
E agora foste mudá-lo.
Ai! quem tivesse podido
Abraçar-te no intervalo!...

X

Dão-me histéricos desejos
As tuas faces pintadas.
Despintar uma com beijos
— E a outra com bofetadas...

XI

Já não voltas friamente
De mim, o rosto gentil:
Pois olha que a tua frente
Vale menos que o perfil...

XII

Reles poeta! Reles versos!
Direis, por certo, leitores.
Oh tartufos, oh perversos,
Sois por ventura melhores?...

ÍNDICE

Pag.

Dedicatória 7
Prefácio 11
Intróito 17
A Virtude 19
O Amor 29
O casamento e a família 39
Trovas de Pero Botelho 45
Disticos :
A lanterna de Diógenes 55
A beleza dos senões 57
O dilema 59
Mater pulchra filia de pulchrior 61
Lacrymae rerum 63
Joven Lília abandonada 65
O eterno amor 67
Caçadores da rua do Oiro 69
A sugestão dos nomes 71
Frase feita 73
Águas passadas que moem moinhos 75
Idílio cómico 77
A contrario sensu 79
A tout seigneur 81
Castelos no ar 83

MARÃES & C.ª
0—70

az de Sampaio

ıs, 2.ª ed.,

O espelho que te ofereço . . . . . 2$00
Taboada de somar . . . . . ista, 2.ª
O idealismo contemporaneo . . . . . 1$00
O 15.º 91
A «toilette» do sentimento 93
Est modus in rebus 95
Drama em dois actos 97
Entre Scylla e Charybdes 99
Graça imortal:
Epigrama á vaidade da beleza 103
Epigrama cómico a Venus 105
Epigrama cómico á perfídia 107
Epigrama cómico ao amor 109
A sabedoria das nações:
Dá Deus nozes a quem não tem dentes . . . 113
Antes só que mal acompanhado 115
Fia-te na Virgem e não corras 117
Casamento e mortalha no céu se talha . . . 119
Lenha verde mal se acende 121
De vagar que tenho pressa 123
Antes que cases olha o que fazes 125
Quem porfia mata caça 127
Gostos não se discutem 129
A palavra é de prata mas o silêncio é d'oiro . 131
Cavalo dado, não se lhe olha ao dente . . . 133
A esmo 135